

NOVAS TERRAS E NOVOS JARDINS: AS FLORES DE PLÁSTICO NÃO MORREM¹

Alexandrina Monteiro²

Resumo: Pretendemos problematizar a matemática moldada e plastificada pelo movimento da ciência moderna que, no âmbito escolar, ficou imobilizada pelo discurso da verdade final, inquestionável o que a levou a se tornar *rainha* imortal e infalível das ciências. Defendemos a tese de que a realeza matemática tem buscado ocultar os seres vivos considerados falíveis, portanto não verdadeiros. Porém apoiamos o fato de que apesar de todo o esforço, o paisagismo plástico não consegue dominar a força da vida que como erva daninha emerge nas fendas e chega, algumas vezes, a se sobrepor às *lindas* flores de plástico do moderno jardim do castelo. A erva travessa que brota do ninho de forma insubordinada oxigena o espaço, abre fendas, rasgos e abala o castelo. Assim, apostamos na ampliação das ervas e na resistência das podas que sofrem. Defenderemos sua fertilização a partir de conceitos deleuzianos inspiradores, em especial no conceito de menoridade, muito bem explorado e fertiliz;do por Gallo (2002) na proposta da *educação menor*. Entendemos ser esta uma possibilidade de fortalecer as flores, as ervas, a vida. Vida de um jardim que pode morrer, murchar, florir, mas jamais imobilizar ou estagnar ou impedir o acesso ao castelo e à rainha.

Palavras-chave: Educação Matemática; Educação Menor; Filosofia da Diferença.

Resumen: Se pretendía problematizar la matemática moldeada y plastificada por el movimiento de la ciencia moderna que, en el ámbito escolar, quedó inmovilizada por el discurso de la verdad final, incuestionable lo que la llevó a convertirse en reina inmortal e infalible de las ciencias. Defendemos la tesis de que la realeza matemática ha buscado ocultar a los seres vivos considerados falibles, por lo tanto, no verdaderos. Pero apoyamos el hecho de que, a pesar de todo el esfuerzo, el paisajismo plástico no consigue dominar la fuerza de la vida que como mala hierba emerge en las grietas y llega a veces a superponerse a las hermosas flores de plástico del moderno jardín del castillo. La hierba traviesa que brota del nido de forma insubordinada oxigena el espacio, abre grietas, rasgos y sacude el castillo. Así, apostamos en la ampliación de las hierbas y en la resistencia de las podas que sufren. Defenderemos su fertilización a partir de conceptos deleuzianos inspiradores, en especial en el concepto de minoridad, muy bien explorado y fertilizado por Gallo (2002) en la propuesta de la educación menor. Entendemos que esta es una posibilidad de fortalecer las flores, las hierbas, la vida. Vida de un jardín que puede morir, marchitarse, florecer, pero jamás inmovilizar o estancamiento o impedir el acceso al castillo ya la reina.

Palabras clave: Educación Matemática; Educación Menor; Filosofía de la Diferencia.

¹ Titãs. Flores. 1989

² Doutora em educação. Professora da Faculdade de Educação da Unicamp. E-mail: alemath@unicamp.br.

Introdução

Figura 8³Figura 2⁴

O título desse texto: *Novas Terras e novos Jardins: As flores de plástico não morrem* faz referência a música Flores do Titãs gravada em 1989. A relação com as flores de plástico, aqui nesse texto, pretende fazer uma analogia com a imagem das novas terras, das novas conquistas científicas que emergem com a modernidade e, nesse intenso movimento, das ciências a matemática vai sendo tão moldada, tão *plastificada* que levou e leva muitos de nós a acreditar que ela se tornou a rainha das ciências por usa rigidez e verdade imortal. Assim, aqui pretendemos problematizar os efeitos dessa jardinagem que, do nosso ponto de vista, objetiva ocultar as possíveis fragilidades daquilo que tem vida, dos seres vivos. Mas, apostamos aqui na impossibilidade de dominar a força da vida que como erva daninha pode até mesmo se sobrepor às lindas flores dos jardins.

Figura 3⁵

E, é com essa analogia que iniciamos nossa discussão no campo da educação e da educação matemática. No jardim da sala de aula, muitas ervas daninhas emergem e nos assustam, *estragam o jardim* – em geral são consideradas problemas e precisam ser removidas, retiradas, excluídas, ao menos podadas. E, por mais plastificadas, artificiais e controladas as classes-jardim não escapam dessas ervas, das ervas daninha, que brotam do ninho. Do ninho que gera vida que por estarem ali nos mobiliza, nos movimenta, nos incomoda chegando até a nos sufocar. Mas, nunca deixam de nos abalar, de nos atravessar. Diante disso, o que fazer? O que fazer com as ervas que “estragam” o jardim do castelo da rainha matemática? Alguns optam por arrancar, usam inseticidas. Elas são perigosas, lateram a harmonia afinal são plantas cujas sementes com um pouco de espaço e luz terão condições de germinar, sobretudo em trechos

³ Flor natural – imagem disponível em: https://www.google.com.br/search:flor+rainha+natural,online_chips:princesa&sa.

⁴ Flor natural – imagem disponível em: https://www.google.com.br/search:flor+rainha+natural,online_chips:princesa&sa.

⁵ Erva daninha. Imagem disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=jardim+com+erva+daninha&client=firefox>.

pouco cultivados ou pouco desenvolvidos dos gramados, dos jardins. Elas crescem nos espaços que esquecemos, que não valorizamos.

Diante disso, alguns professores-jardineiros optam por ocupar ao máximo todo espaço e tempo de modo que essas ervas não tenham condições de emergir. Outros buscam por tecnologias, regras, medicamentos, enfim, buscam por variadas formas que possam impedir a proliferação daquelas e daqueles que podem desarmonizar o jardim.

Outros professores-jardineiros⁶ têm buscado apoio em outras formas de cultivo, buscam trabalhar com outros nutrientes e têm se aproximado da filosofia da diferença, com isso a matemática e seu ensino passam a ser problematizados sob diversos aspectos. Tenta-se compreender o lugar das ervas no castelo da ciência. Talvez entender essas ervas como modos outros de “acionar” a beleza do jardim, produzir por outras estéticas no castelo da ciência dentro de seu contexto escolar. Os debates/embates entre as múltiplas propostas de jardinagem nos interessarão aqui como uma possibilidade de compreender e problematizar o próprio reinado da matemática, ou seja, nos interessa construir outras *possibilidades, outras imagens de pensamento* sobre a matemática, a educação e a escola.

O termo *Imagem do pensamento* é o título de uma seção que finaliza a primeira parte do livro *Proust e os Signos*, escrito por Deleuze, no qual o autor discute o romance *Em busca do tempo perdido* de Marcel Proust. Esse conceito, *Imagem do pensamento*, que perpassa muitas das outras obras desse filósofo busca restituir ao pensamento sua potência criadora, já que na perspectiva da representação, o pensamento nada mais é do que uma (re) cognição. Ou seja, para Deleuze, pensar não é algo natural e muito menos uma prerrogativa da filosofia. Segundo ele, pensar está relacionado a um procedimento inventivo, é algo que *violenta, transforma*, pois, não representa algo existente, mas, ao contrário, diz respeito a algo, é um ato de criação. Nesse contexto, construir outras *imagens de pensamento* sobre a matemática, a educação e a escola significa criar, romper, violentar, enfim, buscar por outras possibilidades de se pensar a matemática e sua prática pedagógica. Desse modo, nesse trabalho nos propomos a problematizar uma matemática essencialista e representacionista que sustenta muitas das práticas pedagógicas escolares e que na sua rígida estrutura plastificada tende a excluir as *ervas do seu ninho*.

Para essa caminhada vamos buscar apoio com “K.” personagem da obra *O Castelo*. Este livro é uma obra póstuma de Franz Kafka⁷, pois ao terminar a obra ele pediu a um amigo que a destruísse. Por sorte esse amigo não o fez. A história é de um agrimensor contratado por um Conde para prestar serviços em sua propriedade. Entretanto ao chegar na vila onde morava o Conde, K. se fica preso há uma enorme burocracia e numa trama social na qual ele, por ser um estrangeiro é considerado um subalterno de qualquer um dos moradores do vilarejo. Por isso ele é sempre impedido de acessar o castelo tanto por funcionários como por moradores. Mas, por que dialogar com “K.”? Tito de Andrea⁸ faz o seguinte comentário sobre esta obra:

Há muitos caminhos para se chegar ao castelo. Muitas são suas portas e diversos seus representantes (...), mas a entrada real estará sempre obstruída, sempre falaremos com mensageiros falhos, sempre pela metade, sempre sem

⁶ Carvalho & Gallo 2017; Gallo 2017; Gallo & Silva 2015; Clareto & Miarka 2015; Clareto, & Nascimento 2012; Kastrup 2007; Monteiro 2015; Monteiro & Mendes 2016; Monteiro & Clareto 2017.

⁷ Alvo de vários estudos literários o enredo deste livro em geral é relacionado a uma batalha do homem e seu inconsciente. Nesse sentido o Castelo é o inconsciente de K., enquanto a aldeia é o consciente. O castelo é seu maior objetivo: enquanto K. é jovem naquela sociedade, é natural sonhar alto, mas conforme a vida lhe derruba, suas aspirações diminuem, e ele acaba se rebaixando a cargos e funções aquém daquelas que ele supunha ser capaz de desempenhar.

⁸ <http://www.literaturabr.com/2012/11/12/o-fim-nao-tem-fim-apontamentos-sobre-o-castelo-de-franz-kafka/>.

Acesso em: 29/01/2018, 16h.

entender tudo, sempre tentando ao máximo, sempre perdendo o fôlego, sempre nos perdendo na brancura de uma neve profunda e profusa. (2012)

Como “K”, muitos alunos caminham pelas aulas de matemática sentindo que *a entrada estará sempre obstruída*, se sentem falando *com e como mensageiros falhos, sempre pela metade, sempre sem entender tudo, sempre tentando ao máximo, sempre perdendo o fôlego, sempre se perdendo*. Assim, eles se fazem presente ou são percebidos como as ervas daninhas. As indesejadas que emergem nos espaços não esperados. Assim, se movimentam por trilhas obscuras, por idas e vindas, pela construção de atalhos. Ou seja, pelas margens, pelas *portas* menores.

No entanto é cansativo caminhar pelas trilhas obscuras. Muitos até ensaiam uma revolta, mas conforme percebem a dificuldade do sistema, se submetem, desistem e se torna mais um. Se tornam mais um aluno, mais um na massa nomeado muitas vezes por um número. Assim, é um grande desafio abrir espaços, criar trincheiras, fortalecer as resistências buscar por novos rumos. É um desafio mutuo entre docentes e discentes. Gallo (2002) comentando sobre um texto de Negri argumenta:

Toni Negri tem afirmado que já não vivemos um tempo de profetas, mas um tempo de militantes; tal afirmação é feita no contexto dos movimentos sociais e políticos: hoje, mais importante do que anunciar o futuro, parece ser produzir cotidianamente o presente, para possibilitar o futuro. Se deslocarmos tal ideia para o campo da educação, não fica difícil falarmos num professor-profeta, que do alto de sua sabedoria diz aos outros o que deve ser feito. Mas, para além do professor-profeta, hoje deveríamos estar nos movendo como uma espécie de professor-militante, que de seu próprio deserto, de seu próprio terceiro mundo opera ações de transformação, por mínimas que sejam. (p. 170)

Podemos pensar de forma análoga, que para acessar o Castelo e em especial uma rainha M inatingível, faz mais necessário trilharmos como andarilhos, em movimentos de militância do que pelos mapas, gráficos e estatísticas que ditam os rumos, as metas, as burocracias, os planejamentos e as verdades sobre as massas. É preciso acessar o castelo como andarilho, como ervas daninhas, e de forma sutil provocas as pequenas revoluções diárias de que nos fala Foucault.

Mas, de que castelo falamos e o que ou quem é a rainha M?

O Castelo da Rainha M



Figura 4⁹

Em um território distante cujo relevo é formado por grandes morros que ao mesmo tempo que cortam o céu produzem grandes depressões, largos vales, uma rainha governa de forma soberana. No país do conhecimento, o território conquistado pela Ciência Moderna é

⁹ Imagem disponível em: <https://www.pinterest.fr/lucidientia/architecture/?lp=true>.

governado pela Rainha M. Sua soberania busca, de forma imperativa e pretensiosa, conquistar e se estender por parte de alguns dos territórios vizinhos: os da Arte e o da Filosofia.

Seu castelo, instaurado no mais alto dos morros é uma fortaleza. Sua estrutura de concreto revestido por placas de mármore brilha de forma reluzente. Seus fiéis guardiões à cercam com rigor e excelência – já que são poucos os que podem adentrar nessa parte do território.

Aliás, fazer parte do grupo de guardiões desse castelo é um privilégio de poucos. Esses poucos escolhidos passam por processos meritocráticos definidos e coordenados por guardiões anciões. Esses processos cuja precisão cirúrgica, que acreditam eles são capazes de eliminar os fracos e incompetentes desde muito cedo, garantem que somente os dotados de mentes privilegiadas cheguem ao final ao posto que lhes permitem assumir um lugar de guardião do Castelo.

Desse modo, fazer parte do grupo dos guardiões é um privilégio. Primeiro porque se consideram e são considerados por muitos como possuidores de mentes privilegiadas. Para garantir esse status os processos meritocráticos são fundamentais, afinal eles não poderiam desfrutar desse privilégio cognitivo se os excluídos não conseguissem dimensionar o quão distante estão desse lugar. Assim, para que essa distância possa ser dimensionada um mito foi criado. O mito de que TODOS têm o direito e o dever de cruzar e conhecer o jardim do castelo da rainha. TODOS devem entrar, caminhar, e sentir os espinhos, a dureza das flores de plásticos, o odor ou a falta dele – e assim admirar as flores que na rigidez de sua perfeição não se movimentam para amenizar a passagem dos visitantes.

O mito que denominaremos como o *Mito da Totalidade* se sustenta na crença da importância incondicional de se aprender os princípios que a rainha M impõe ao território da ciência moderna. Trata-se assim, de garantir que todos – TODOS – inclusive aqueles que povoam os territórios vizinhos (artistas e filósofos) aprendam tais princípios. Esta crença além de garantir o controle sobre diversos territórios e regimes de verdades, garante a construção de uma percepção de incapacidade que se impregnam em muitos dos que por desejo de tornar-se um guardião ou por obrigação se aventuram por esses jardins.

Essa *aventura*, palavra que vem do latim *ad venture* e significa estar preparado para o que aparecer, não pode ser confundida com uma experiência radical. A não radicalidade está pelo controle dos riscos que acompanham uma aventura. Por exemplo, um paraquedista possui todo um equipamento de segurança e uma grande margem de riscos controlados, o que diferente das manobras com Skate ou Surf. Assim, a aventura de adentrar no jardim da Rainha M para os mais sensatos está muito direcionada na capacidade em superar frustrações – já que os riscos são em sua maioria conhecidos. Entretanto para os radicais, as manobras podem ser muito cruéis e podem além de machucar excluí-los do espaço. Eles podem ser literalmente excluídos do território da Ciência ou podem lá permanecer, mas convivendo com a mais absoluta indiferença por parte dos que souberam usar seus equipamentos de segurança.

Assim, considerando as diferentes estratégias de segurança, ou de transgressão, que os sujeitos assumem nesse trajeto, alguns conseguem caminhar pelas trilhas básicas e, nem se atrevem a adentrar nas trilhas mais densas, com flores produzidas de plásticos mais duros, mais resistentes. Outros conseguem avançar alguns níveis e desse modo são considerados mais inteligentes e passam a povoar algumas planícies considerados áreas de aplicação, áreas em que o desafio está em colher e reorganizar as flores de modo a formar novos jardins que se fazem necessário para garantir a beleza e a solidez do território científico. Tem ainda aqueles que chegam muito próximo, quase adentram no espaço privilegiado dos guardiões esses são denominados, às vezes como Físicos e Químicos. Os melhores, ou seja, os que conseguem chegar ao topo do jardim como já anunciamos, tornam-se os guardiões e recebem a denominação de Matemáticos.

Para garantir essa empreitada, ou seja, para disseminar a verdade reinante da Rainha M, e assim controlar a caminhada pelos jardins com flores de plástico, foram criadas as instituições denominadas Escolas. Nessas instituições, guias nomeados como professores – em geral ótimos copistas e memorialistas – têm a grande e importante tarefa de impedir que os menos talentosos avancem pelas castas desse grande jardim. Cabem a eles garantir a segurança das flores e a perfeição de suas estruturas, bem como, sustentar o mito de que apenas alguns conseguem chegar ao final do trajeto. Para tanto esses profissionais são treinados por muito anos e se apropriam de técnicas metodológicas e meritocráticas que garantam a seleção são os professores-profetas que nos falava Gallo algumas páginas antes.

Porém, nem tudo é tão perfeito no grande reino. Apesar dos usos dos mais diversos dispositivos de controle, professores e aprendizes, como “K.” – personagem do Castelo de Kafka, avançam pelas colinas e exploram outras possibilidades – as vezes por túneis subterrâneos, outras vezes atalhos tortuosos que os levam ao castelo, não na sala principal – mas os levam a conhecer salas que nem mesmo os guardiões são capazes de experimentar. Muitas vezes os ruídos dessas invasões são tão fortes que possibilitam a ampliação e até mesmo o fortalecimento do Castelo pois são capturados pelos guardiões que rapidamente os formatam, os mumificam em flores de Plástico. Porém fazem isso não sem antes expulsar os invasores e qualquer evidência dessa nefasta invasão e dos ruídos que produzem.

Assim, a propagação dos ruídos que povoam o entorno do castelo - apesar de se manifestarem como *ruídos silenciosos* e discretos – apavoram os guardiões que receiam terem seus postos popularizados. Diante disso suas armas buscam silenciar, desvalorizar e deslegitimar esses movimentos. Mas, por mais que excluam as ervas eles são incapazes de extingui-las e elas não cessam de crescer. Elas insistem e persistem. Como *Movimentos Menores* que povoam o reino do saber e assombram os guardiões e a própria rainha.

Para esses últimos, tais ruídos são provocados pelos monstros em geral revestidos por uma capa vermelha que revela as marcas de suas notas e avaliações escolares. São *aqueles de quem não se pode falar*¹⁰. São *aqueles que ninguém consegue parar cujos ruídos atravessam estruturas rígidas e criam novos campos, fertilizam novas terras...*

Frente a isso, nos resta a possibilidade de ações, de reações de revoluções. Gallo (2002) deslocando o conceito de minoridade produzido por Deleuze e Guattari para a educação propõe o que denomina de Educação Menor, ou seja:

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância. (...). Se a educação maior é produzida na macropolítica, nos gabinetes, expressa nos documentos, a educação menor está no âmbito da micropolítica, na sala de aula, expressa nas ações cotidianas de cada um. (p. 173)

Assim, na sequência vamos analisar alguns quadros dessas travessias ora pensadas sob a perspectiva de uma educação maior, ora tentando se aproximar de uma educação menor.

¹⁰ Frase retirada do Filme A Vila. O qual foi muito discutido num livro muito interessante – Fundamentalismo e Educação.

O quadro do castelo – Ato I

O quadro retangular com fundo preto, mas também pode ser verde ou branco vai sendo preenchido. As cores e traços ocupam o espaço. Uma voz acompanha a produção da obra, como se o artista necessitasse de um som, de um ruído, de uma métrica que o inspirasse para a produção de sua obra. Uma obra provocativa:

Um segmento de reta em vermelho é desenhado. Suas extremidades são nomeadas por A e B. Embaixo vem a inscrição: Um segmento de reta tem infinitos pontos. Logo entre A e B existem infinitos pontos.

Um silêncio se instaura. Sensações de estranhamento causam movimentos... O artista retoma a ordem...

Silêncio, prestem atenção que isso é importante.
Escrevemos então que: $AB = \{ \forall x \in AB / A \leq x \leq B \}$

O silêncio e os ruídos de corpos inquietos permanecem inalterados. E a aula prossegue com total indiferença aos estranhamentos causados. Ao final muitos deixam de ouvir, outros transcendem ao espaço daquele jardim, e sentem o aroma das flores de suas memórias e fantasias que criam em seus pensamentos.

O quadro do castelo – Ato II

O quadro retangular com fundo preto, podendo ser verde ou branco vai sendo preenchido. As cores e traços ocupam o espaço. Uma outra voz acompanha a produção da obra, como se este outro artista também necessitasse de um som, de um ruído, de uma métrica que o inspirasse para a produção de sua obra. Uma obra que se pretende também provocativa. A reprodução do roteiro é consequência de muito treino.

Um segmento de reta em vermelho é desenhado. Suas extremidades são nomeadas por A e B. Embaixo vem a inscrição: Um segmento de reta tem infinitos pontos. Logo entre A e B existem infinitos pontos.

Um silêncio se instaura. Sensações de estranhamento causam movimentos...

- Silêncio, prestem atenção que isso é importante.
 - Escrevemos então que: $AB = \{ \forall x \in AB / A \leq x \leq B \}$
 - *Professor, não entendi. O que significa essas coisas que você escreveu?*
- Ora, significa que o intervalo AB é formado por todos os pontos x que são maiores que A e menores que B. Entendeu? Gente, vamos prestar atenção?

O silêncio e os ruídos de corpos inquietos permanecem inalterados. E a aula prossegue, mais uma vez com a dureza e insensibilidade dos plásticos. Não há vida, há apenas cansaço. Cansaço do não entendimento que se repete, que persiste que exila que exclui. Novamente vagar é o que resta para muitos.

O Quadro – Ato III

O quadro retangular com fundo preto, podendo ser verde ou branco vai sendo preenchido. As cores e traços ocupam o espaço. Uma outra voz acompanha a produção da obra, como se o artista necessitasse de um som, ... A cena inicial é a mesma!

Um segmento de reta em vermelho é desenhado. Suas extremidades são nomeadas e por A e B. Embaixo vem a inscrição: Um segmento de reta tem infinitos pontos. Logo entre A e B existem infinitos pontos.

Um silêncio se instaura. Sensações de estranhamento, tédio, ódio, mas também, sensações de amor, leveza pairam entre artista e espectadores. Alguns se deixam levar pelo som, pelas palavras e não se atentam as imagens. Outros para quem as palavras nem sempre são compreendidas, aproveitam da sonoridade que lhes provocam sonolência e ultrapassam o espaço do ateliê em que a obra acontece com sonhos cujos temas nem sempre poderiam se tornar público. Mas... tudo pode acontecer e lhes acometer. Artista e expectadores se aproximam da obra iniciada há tempo para analisar, para estranhar, para pensar até que emerge a questão:

- Professor se um segmento de reta tem infinitos pontos e uma reta tem infinitos pontos. Quantos pontos infinitos a reta tem a mais que o segmento?

Fluxos atravessam o corpo do artista. O som da questão faz seu corpo vibrar. Outros expectadores também se atentam a ela. Na verdade, se interessam pela questão e não necessariamente pela resposta que podem ter. A conversa se inicia...

- Mas que diferença faz se uma reta é maior ou menor que um segmento de reta. Pergunta outro expectador?

O primeiro responde:

- Nenhuma. Mas, não quero saber quem é maior. Já sei que a reta é maior. Eu quero saber quantos pontos infinitos ela tem a mais. Entende?

Os corpos sonolentos se atentam para o debate. O Caos se instaura. O pensamento emerge. O espaço se modifica. O jardim antes povoado por flores artificiais, agora floresce de forma colorida como um campo silvestre. A vida se instaura. E o artista? Ele provoca seus expectadores com mais uma pergunta:

Como vocês sugerem que contemos os infinitos pontos do segmento?

Os espectadores se levantam. Alguns vão até o quadro e participam da pintura. Outros continuam questionando o porque alguém perderia seu tempo contando pontos. Mas o silêncio dos corpos observadores é quebrado por corpos que se movimentam, que discutem que junto com o artista completam o espaço do quadro. São muitos os desenhos, símbolos e ideias que vagueiam a composição da cena dessa obra. Alguns dos guardiões do castelo de M dirão que são obscenas. Mas, para os que dela participam, pode ser um flerte, um aceno para uma prática que se caracterize por uma desterritorialização, por uma ramificação política, por uma produção de valor coletivo. Ou seja, por uma Educação Menor como proposta por Gallo (2002). Segundo esse autor:

A educação menor é uma aposta nas multiplicidades, que rizomaticamente se conectam e interconectam, gerando novas multiplicidades. Assim, todo ato singular se coletiviza e todo ato coletivo se singulariza. Num rizoma, as singularidades desenvolvem devires que implicam em hecceidades. Não há sujeitos, não há objetos, não há ações centradas em um ou outro; há projetos, acontecimentos, individuações sem sujeito. Todo projeto é coletivo. Todo valor é coletivo. Todo fracasso também. (...) [Mas] não tenhamos, porém, a inocência de pensar que o ativismo militante de uma educação menor está alheio a riscos; (...). Também no âmbito de uma educação menor corremos o risco da retenitorialização, da reconstrução da educação maior. Os atos militantes podem ser cooptados, reinseridos no contexto da máquina de controle, perdendo seu potencial libertário. Ou, na perspectiva de fazer-se máquina, resultante dos agenciamentos, a educação menor pode despotencializar-se, ao permitir que se tome nova máquina de controle. A permanência do potencial de uma educação menor, a manutenção de seu caráter minoritário está relacionada com sua capacidade de não se render aos mecanismos de controle; é necessário, uma vez mais, resistir.

De volta ao castelo...

É preciso invadir, persistir, resistir. Muitas vezes no silêncio, na sonolência e assim entrar pelas portas laterais. É preciso fertilizar os jardins, é preciso mais flores silvestres e menos beleza artificial. Precisamos de mais professores-militantes que deixem fluir a arte do pensar e de menos professores-profetas cuja função é garantir a cópia da profecia. Assim, entendo que o convite que Gallo (2002) provocado por Deleuze e Guattari nos faz é o de nos mobilizar por território outros por planos e projetos coletivos. É necessário deixar florescer as ervas os fluxos. Mais do que um espaço em que se pensa em fazer cópias e listas de exercícios, a aula de matemática deveria ser um exercício, uma experiência de pensamento.

Referências

- CARVALHO, Alexandre Filordi de; GALLO, Sílvio Donizetti de Oliveira. Defender a escola do dispositivo pedagógico: o lugar do experimentum scholae na busca de outro equipamento coletivo. *Etd: Educação Temática Digital*, v. 19, p. 622-641, 2017.
- CLARETO, Sônia. M.; MIARKA, Roger. eDucAção MAtemática AefeTivA: nomes e movimentos em avessos. *Bolema. Boletim de Educação Matemática* (UNESP. Rio Claro. Impresso), v. 29, p. 794-808, 2015.
- CLARETO, Sônia. M.; NASCIMENTO, L. A. S. A Sala de Aula e a Constituição de um Currículo-Invenção. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, p. 306-321, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka. Por uma literatura Menor*. BH: Autêntica, 2014
- _____. *O que é a Filosofia?* RJ: Ed. 34, 1992
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. 2. ed. RJ: Forense Universitária, 2010.
- GALLO, Sílvio Donizetti de Oliveira. O Aprender em Múltiplas Dimensões. *Perspectivas da educação matemática*, v. 10, p. 103-114, 2017.

GALLO, Sílvio Donizetti de Oliveira.; SILVA, Gláucia Maria Figueiredo. Entre maioria e minoridade: as regiões de fronteira no cotidiano escolar. *Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, v. 14, p. 25-51, 2015.

GALLO, Sílvio; VEIGA-NETO, Alfredo. *Fundamentalismo e Educação*. BH: Autêntica, 2009

GALLO, Sílvio. Em torno de uma Educação Menor. *Educação & Realidade*, 27(2), p. 169-178, jul./dez. 2002.

KASTRUP, V. *A invenção de si e do mundo*: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MONTEIRO, A. Movimentos do Pensar e do Aprender a Matemática Escolar. *Linha Mestra* (Associação de Leitura do Brasil), v. 2, p. 51-63, 2015.

MONTEIRO, Alexandrina; MENDES, Jackeline. R. Knowledge Mobilization in Social Practices: Challenges for a Babel Construction in Schoolings Scenarios. *Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática* (RIPEM), v. 6, p. 143-156, 2016.

MONTEIRO, Alexandrina; CLARETO, Sonia. M. Entre conjugações, rimas e atritos: educações matemáticas em encontros Foucault-Deleuze. *Perspectivas da Educação Matemática*, v. 10, p. 1-11, 2017.